



LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

O historiador de cinema Michel Marie, professor emérito da Universidade Paris III (Sorbonne Nouvelle), esteve na Unicamp durante o primeiro semestre como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Mídias, ministrando o curso “Cinema Documentário Francês e Canadense – alguns tópicos na contemporaneidade”. Em abril, lançou o livro *A Nouvelle Vague e Godard* (Papirus Editora), em que apresenta uma revisão do impacto da Nouvelle Vague no cinema contemporâneo.

O livro, que já tinha traduções para o inglês e o italiano, traz um histórico de um dos movimentos mais importantes da história do cinema mundial, ocorrido no final da década de 1950 e nos anos 60. Traz também uma análise fílmica de *Acosado*, de Jean-Luc Godard, filme que o autor elegeu como o manifesto estético da Nouvelle Vague. É desta sua última obra que Michel Marie fala na entrevista que segue.

Jornal da Unicamp – Qual a motivação para escrever mais um livro sobre a Nouvelle Vague? Seria por conta dos 50 anos do movimento?

Michel Marie – Eu escrevi a primeira versão do meu livro sobre a Nouvelle Vague em 1997, na coleção 128 (Éditions Nathan, então Armand Colin). Dois anos depois, escrevi outro livro sobre *Acosado* (coleção *Synopsis*, de 1999, mesma editora). A tradução brasileira atende a esses dois volumes. A primeira parte é uma visão histórica geral, sobre todos os aspectos deste movimento (crítico, estético, técnico, econômico), mas sem uma análise muito detalhada de filmes específicos. Eu queria completá-la com uma segunda parte contendo uma análise aprofundada de *Acosado*, que se tornou para mim o “filme-manifesto” da estética da Nouvelle Vague, muito mais do que os primeiros filmes de Claude Cabrol, como *Nas garras do vício* (*Le beau serge*, 1958) e *Os primos* (*Les cousins*, 1959), ou mesmo *Os incompreendidos* (*Les 400 coups*, 1959), de François Truffaut.

Eu também escrevi este livro porque o meu filho, aos 20 anos de idade, me perguntou o que era Nouvelle Vague. Para ele, era inicialmente o título de um filme de Godard dos anos 90 (*Nouvelle Vague*, de 1990, com Alain Delon). Em geral, os movimentos de cinema são mal definidos na história do cinema. Os filmes são classificados rapidamente pela crítica com rótulos jornalísticos como “neo-realista” ou “expressionista”. Em 1997, chegamos aos 40 anos da Nouvelle Vague e, na época, não havia nenhuma edição francesa com uma síntese recente deste movimento estético muito importante para a história do cinema francês. Havia os livros antigos, contemporâneos dos anos 60 ou 70, ou capítulos parciais de livros sobre a história do cinema francês em geral. Mas em 1998, dois outros livros sobre a Nouvelle Vague foram publicados após o meu: um álbum ricamente ilustrado de Jean Douchet (*Nouvelle Vague*, ed. Hazan, 1999) e um ensaio mais sociológico por Antoine de Baecque (*A Nouvelle Vague, retrato de uma juventude*, Flammarion, 1998). Meu livro foi republicado e atualizado regularmente desde 1997. A edição brasileira contempla bem o cinquentenário deste famoso movimento. É o mais completo.

JU – A Nouvelle Vague é abordada no livro como um conceito crítico, uma escola artística, um modo de produção e distribuição de filmes... Poderia nos oferecer a sua visão geral sobre o movimento?

Michel Marie – A Nouvelle Vague foi um rótulo jornalístico dado por Françoise Giroud, então colaborador do *L'Express*, para designar o jovem francês nascido na década de 30 e 40. Em seguida, o crítico de cinema Pierre Billard transpôs o termo para a nova geração de cineastas que nasceram no mesmo ano. Ele caracterizava Roger Vadim, particularmente, como porta-voz deste novo cinema com *E Deus criou mulher* (*Et Dieu créa la femme*, 1956). Mas, rapidamente, a expressão que dizia respeito a um grupo de jovens cineastas atravessou o exercício da crítica, principalmente para a *Cahiers du Cinema*.

Reuniram-se em torno de Claude Chabrol e François Truffaut personalidades tão diversas como as de Eric Rohmer,



Jean-Paul Belmondo e Jean Seberg contracenam em *Acosado*, de Godard: inovações permeiam o “filme-manifesto”

Michel Marie analisa em livro o legado e a estética de Godard e da Nouvelle Vague

Jacques Rivette e Jean-Luc Godard. Esses cineastas tinham ideias comuns: uma admiração pelo cinema americano clássico e uma desconfiança do cinema francês dos anos 50, dito de “qualidade”, baseado em adaptações literárias e coproduções internacionais, como por exemplo, *Notre Dame de Paris*, realizado por Jean Delannoy. Eram cineastas que queriam promover filmes pessoais com pequenos orçamentos e sem atores com grandes cachês. Acontece que alguns dos seus primeiros filmes tiveram grande sucesso de público, como *Os primos*, *Os incompreendidos* e *Acosado*. Já os primeiros filmes de Jacques Rivette (*Paris nos pertence*) e de Eric Rohmer (*O signo do leão*) foram um fracasso e atrasaram suas carreiras em uma década.

JU – Por que o senhor elege *Acosado* como manifesto estético do movimento?

Michel Marie – *Acosado* é certamente um filme de ruptura na história do cinema, assim como a era do cinema mudo, com *Nascimento de uma nação* de D. W. Griffith ou *Gabinete do Dr. Caligari* de Robert Wiene, e o cinema falado de *Cidadão Kane* de Orson Welles, *Roma, cidade aberta* de Roberto Rossellini e *Hiroshima, meu amor* de Alain Resnais (este contemporâneo de *Acosado*). O filme de Jean-Luc Godard é marcado por um grande número de inovações técnicas e por uma linguagem igualmente muito nova. Além disso, foi um grande sucesso público, por se referir diretamente às preocupações dos jovens franceses dos anos 60 – eles se identificaram muito com os personagens Michael Poiccard e Patricia Franchini. Godard retrata as relações de amor entre um jovem marginal (Michel Poiccard, magistralmente interpretado por ator iniciante, Jean-Paul Belmondo) e uma estudante americana em Paris, com uma autenticidade sem precedentes no cinema francês da época. O tom do filme parece muito livre, quase casual, sem constrangimento, o que foi aceito de forma bastante positiva pelo público. *Acosado* é um filme verdadeiramente moderno em 1960, que sintetiza uma mudança de época (como *Monica e o desejo* de Ingmar Bergman, na Suécia, poucos anos antes). Ele marca o fim dos anos pós-guerra na França.

Pierre Perrault em retrospectiva

Michel Marie é um dos curadores e conferencista da Retrospectiva Pierre Perrault, cuja programação prevê a exibição de 11 filmes do cineasta quebequense, entre os dias 10 e 14 de setembro, na Casa do Lago da Unicamp. Perrault (1927-1999) é tido como um dos maiores representantes do cinema direto do Canadá. O evento será realizado pela Associação Balafon, em parceria com a Universidade Paris 3 Sorbonne Nouvelle, com o apoio do Office National du Film du Canada, do Programa de Pós-Graduação em Mídias/ Departamento de Cinema (Decine) e do Cepecidoc (Centro de Pesquisas de Cinema Documentário) da Unicamp.

É também um filme de surpreendente virtuosismo técnico, quando se pensa em suas precárias condições de realização. Godard revela-se um grande inventor de formas: a edição curta e instável, alternando planos de longa sequência filmados com a câmera na mão, em ritmo acelerado; longas sequências de diálogos muito livres e íntimos entre dois personagens no quarto do hotel; e, no meio do filme, o resultado trágico e elíptico.

JU – Como analisa a trajetória de Jean-Luc Godard, que depois de ter renovado a linguagem do cinema voltou-se para temas políticos?

Michel Marie – Godard sempre foi um experimentador. Na verdade, queria ter sido como Jean Rouch, não um artista, mas um pesquisador independente do CNRS [Centro Nacional de Pesquisa Científica]. Seu período inicial, dos anos 60, foi muito rico porque ele teve que considerar as limitações de produção, contar histórias, atrair o público com atores profissionais. É verdade que desde 1969 ele entrou em um período mais dogmático, marcado por experiências de laboratório, as do grupo Dziga Vertov. Mas logo ele transportou a linguagem do cinema para a televisão e o vídeo. Suas produções até o final de 70 anos são muito importantes: *Sur et sous la communication* (1976) e *France, tours détournés deux enfants* (1978).

Salve-se quem puder (a vida) marca um novo início de carreira em 1980, com Jacques Dutrouc, Isabelle Huppert e Nathalie Baye, atores populares neste período. Ele nunca deixou de realizar novos experimentos com filmes de todos os formatos e gêneros, mesmo em comerciais como *Le rapport Darty*. Sua fecundidade artística é extraordinária e é semelhante à dos diretores norte-americanos do período clássico, como John Ford ou Raoul Walsh, que fizeram três ou quatro filmes por ano, até seus últimos suspiros.

JU – No livro, o senhor discorre sobre o autor realizador, baixo orçamento e a saída dos estúdios para redescoberta dos lugares. Hoje temos uma proliferação dos chamados “filmes domésticos” por conta das facilidades trazidas pelas novas mí-

dias. Por acaso, vislumbra o surgimento de movimentos semelhantes à Nouvelle Vague?

Michel Marie – Há de fato a proliferação de novos filmes feitos com mídias muito modestas. Alguns são, sem dúvida, inovadores, mas o problema passou da produção à distribuição. Embora muitos filmes sejam vistos na internet ou YouTube, o que importa é olharmos para eles e falarmos sobre eles. Este modo de acesso atribui papel chave ao discurso crítico, à promoção oferecida por festivais e eventos culturais. Mas, obviamente, a concorrência é ainda mais difícil porque a oferta se multiplicou. Filmes que permanecem neste oceano da oferta são resultados de uma reflexão muito pessoal sobre imagens e sons. A genialidade de artista não pode ser ensinada. A Nouvelle Vague teve a sorte de reunir personalidades fortes que tinham um discurso e um universo pessoal na base da sua rica produção: Eric Rohmer e François Truffaut, Jacques Rivette e mais Jean-Luc Godard.

JU – Ainda há espaço para a Nouvelle Vague hoje em dia?

Michel Marie – Há sempre novos espaços criativos. Mas estes espaços devem ser abertos para um público potencial, muitas vezes, mais especializado e exigente. Há sempre novas tendências criativas, como na França, enriquecendo a ficção e documentários de cinema, com autores como Laurent Cantet (*Entre os muros da escola*), Kechiche Abdelatif (*Vênus negra*) ou Bruno Dumont (*Flandres*).

JU – Enfim, qual é a herança que a Nouvelle Vague nos deixou?

Michel Marie – É um patrimônio certamente importante, internacional, que envolveu vários países como Itália, Polónia, República Checa, Brasil, Japão e, mais recentemente, Coreia e Hong Kong. Há um cinema anterior à Nouvelle Vague, o cinema clássico que continuou até final dos anos 50, seguido do cinema moderno, que com a Nouvelle Vague foi também uma etapa muito importante.



Serviço

Título: A Nouvelle Vague e Godard

Autor: Michel Marie

Editora: Papirus

Páginas: 272

Preço: R\$ 56